

DCI – 01/10/2008

Preço médio de leilão energia nova registra ágio de 5,4%

SÃO PAULO - O resultado do leilão de energia nova A-5, ocorreu como o previsto. Conforme já havia antecipado o DCI em sua edição de segunda-feira, o certame foi dominado pelas térmicas, com isso, o preço médio da energia aumentou em comparação ao preço-teto estabelecido para o certame. Se considerar as duas fontes energéticas vendidas - térmica e eólica - houve um ágio de 5,4% sobre o valor médio. O leilão movimentou contratos de R\$ 60,5 bilhões, destes, mais de R\$ 57,3 bilhões para as usinas térmicas, cujos contratos têm duração de 15 anos, e o restante, destinado à única hidroelétrica do certame, a UHE Baixo Iguaçu (350 MW), que entrou na disputa poucas horas antes do início do leilão, amparada por liminar concedida pela justiça. A usina foi arrematada pela Neoenergia, empresa controlada pela Previ, Banco do Brasil e a espanhola Iberdrola. Esse grupo superou a oferta do consórcio Hidro Naipi, formado pela Copel (51%) e Eletrosul (49%). A maior vendedora de energia foi a MPX com a usina térmica a carvão mineral Porto do Pecém II.

Houve um deságio de 19,6% para usina hidroelétrica, o menor entre os últimos empreendimentos dessa natureza no Brasil, mas que foi considerado bom, frente ao deságio de apenas 0,5% nos 23 empreendimentos termoelétricos vendidos. Apesar disso, a Câmara de Comercialização de Energia Elétrica (CCEE) e a Empresa de Pesquisa Energética (EPE) comemoraram o resultado, pois o principal objetivo do leilão, o atendimento à demanda por energia nova em 2013, está garantido para as empresas distribuidoras. Segundo comunicado da EPE, todos os 24 empreendimentos consumirão investimentos de R\$ 11 bilhões. Para o presidente da CCEE, Antonio Carlos Fraga Machado, a venda de 104,6% reflete o sucesso do certame. Segundo dados da entidade, foram comercializados 3,125 mil MW médios face à demanda manifestada pelas distribuidoras de 2,988 mil MW.

"Com esse resultado, somado aos leilões de energia nova que será entregue a partir de 2010, vemos que a demanda nacional por energia será atendida, e isso passa tranquilidade ao sistema nacional", afirma o executivo. "Não podemos esquecer ainda de que o leilão ocorreu apenas um dia após a maior queda das bolsas ocasionada pela crise americana. Se considerarmos esse fato, entendemos que o investidor privado está confiante no Brasil", exalta. Essa é a mesma opinião do presidente da EPE, Maurício Tolmasquim.

Descontentamento

Do lado contrário à euforia apresentada está Sérgio Marques, presidente da Bioenergy, que critica a alta presença de termoelétricas. "Se o valor das usinas levassem a um menor custo da energia, poderiam até privilegiar essas centrais, mas o problema é que o custo é muito mais alto que as fontes eólicas e biomassa", afirma Sérgio Marques.

Para **Claudio Sales**, presidente do **Instituto Acende Brasil**, há ainda o agravante de que 64% dessa demanda será atendida por usinas termoelétricas movidas a óleo combustível, as mais caras quando acionadas.

"Esse leilão agravou ainda mais a tendência da matriz energética brasileira que está direcionada às termoelétricas movidas a óleo combustível", afirma o presidente do **Instituto**.

"No leilão A-3, realizado dia 17, esse índice foi de 57%. É preciso lembrar que os leilões A-5 foram criados para privilegiar a energia hidráulica, fato que não acontece hoje em dia", relembra.

Sales afirma que a solução é criar mecanismos mais ágeis para a concessão de licenças ambientais pelo Ibama e Instituto Chico Mendes.